

Estereótipos femininos nas piadas de loira

Gisele Maria Franchi¹

Resumo

Este trabalho tem como objetivo discutir a representação feminina nas piadas de loira. Com base na Análise do Discurso (AD) e em teorias sobre o humor, pretende-se investigar as condições de produção dessas piadas, buscando entender quais são as razões histórico-sociais que justificam o fato de as mulheres serem vítimas do discurso hostil que circula nas piadas de loira.

Palavras-chave: análise do discurso; humor; estereótipos; mulheres.

Introdução

*O humor não é um estado de espírito,
mas uma visão de mundo.*

(L. Wittgenstein, *Aforismos*, 1949)

As piadas são interessantes à luz da análise do discurso, uma vez que veiculam, além do sentido mais apreensível, uma ideologia, ou seja, um discurso de mais difícil acesso ao leitor (cf. Possenti, 1998). Piadas como as de loira são um *corpus* de pesquisa discursivamente rico, pois mobilizam discursos polêmicos, operam com estereótipos (que, por sua vez, estão relacionados a preconceitos), enfim, retomam discursos profundamente arraigados.

Como mostraremos neste trabalho, as piadas utilizam algumas técnicas lingüísticas como estratégias para que a veiculação de discursos proibidos não seja explícita, o que lhes confere certa liberdade para circular pela sociedade. Livres de determinados procedimentos de controle do discurso, principalmente, o da palavra proibida, para usarmos os termos de

¹ Graduanda do curso de Letras da Universidade Estadual de Campinas (IEL/UNICAMP). É bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Orientador: Prof. Dr. Sírio Possenti (IEL/UNICAMP).

Foucault (1970), as piadas são veículos de discursos que não são comumente explicitados²: nelas, os negros, longe de serem tratados sem preconceito, são detestáveis e, muitas vezes, retratados como ladrões; as sogras não são consideradas como uma segunda mãe, mas, sim, como pessoas insuportáveis; as empregadas não são nada prestativas, pelo contrário, são extremamente folgadas, etc... No caso específico das piadas de loira, o discurso corrente é de que essas mulheres seriam burras e/ou sexualmente disponíveis.

Segundo Possenti (1998), as piadas fornecem excelentes argumentos para várias teses ligadas às teorias textuais e discursivas, em particular para a Análise do Discurso – e, neste caso, principalmente no que diz respeito à defesa da tese da relevância das condições de produção. As piadas ocorrem “num solo fértil de problemas”, especialmente naqueles cultivados durante séculos de disputas e de preconceitos – como é o caso das piadas de loira, cujo solo fértil, conforme demonstraremos, é a luta entre os gêneros.

Neste trabalho, pretende-se fazer uma reflexão sobre os estereótipos femininos veiculados nas piadas de loira, objetivando observar como as mulheres estão representadas no discurso humorístico, ou seja, em que medida os estereótipos presentes nessas piadas representam ou não “verdades” no que se refere à realidade da mulher. Para isso, investigaremos as condições de produção dessas piadas. Dito de outro modo, procuraremos entender quais são as razões histórico-sociais que justificam o fato de as loiras serem vítimas do discurso hostil que circula nas piadas. A nossa hipótese é a de que se trata de um discurso machista, que, portanto, não pretende “atacar” apenas as loiras, mas as mulheres de um modo geral.

1. O objeto risível: as mulheres

Longe de serem neutros, os discursos reagem a outros discursos, de forma adversa, a partir de sua própria perspectiva (Maingueneau, 1984). Pretendemos, pois, inicialmente, demonstrar que as piadas de loira são uma forma de reação dos homens (machistas) perante a atual situação social em que as mulheres se encontram.

² Com efeito, Freud (1905) concluiu que os impulsos hostis – que reprimimos por não serem socialmente aceitos – encontram, nas piadas, uma forma de serem extravasados: “(...) Um chiste nos permite explorar no inimigo algo de ridículo que não poderíamos tratar aberta ou conscientemente, devido a obstáculos no caminho...” (Freud, 1905:103).

O fato de transformar alguém em objeto de riso já é, por si só, relevante. Bergson (1899), autor de uma das mais importantes teorias sobre o riso, observa que esse gesto exclusivamente humano pode esconder uma intenção inconfessada de humilhar. Com efeito, muito antes dele, Aristóteles já defendia a tese – que foi posteriormente complementada por Thomas Hobbes – de que o riso seria uma forma de expressar desprezo e superioridade do ridente em relação ao objeto risível (cf. Skinner, 2002).

Objeto risível das piadas de loira, as mulheres, além de serem alvo de desprezo, são também consideradas inferiores aos homens, segundo a ideologia machista. De fato, por séculos, as relações entre os gêneros mantiveram (e ainda mantém, mas com menor intensidade) um caráter excludente com relação ao sexo feminino – e que se dava tanto nos campos político e econômico, como no social. De acordo com o discurso machista, essa exclusão seria, de uma certa forma, justificada pelo fato de que as mulheres seriam menos capazes (pouco inteligentes, muito frágeis, etc...) do que os homens.

Recentemente, elas passaram a competir com o sexo oposto, principalmente no que se refere ao campo profissional. Segundo informações do banco de dados da Fundação Carlos Chagas³, se, em 1976, cerca de 29% das mulheres brasileiras compunham a chamada população economicamente ativa, em 2002, esse número subiu para aproximadamente 43%. Entretanto, isso não significa que a competição entre os gêneros aconteça numa relação de (quase) igualdade. Como mostram as informações disponibilizadas pela Fundação, na última década, a participação das mulheres no conjunto dos empregados manteve-se próxima a um terço. “Os lugares privilegiados de inserção de parcela significativa do contingente das trabalhadoras no mercado de trabalho, ainda são as atividades informais, não remuneradas e o trabalho doméstico”, foi a conclusão a que se chegou na referida pesquisa.

Com efeito, de um modo geral, as mulheres passaram a desempenhar, nos espaços públicos, tarefas semelhantes às que faziam em casa, em outras palavras, a maioria exerce profissões que estão mais relacionadas às áreas de atenção social. Uma outra pesquisa, realizada em 2005, analisou como os cursos universitários estão distribuídos entre os gêneros⁴. Aproximadamente 84% dos estudantes de enfermagem e 91% dos alunos de

³ A base de dados especiais, intitulada “Mulheres no mercado de trabalho: grandes números”, é acessível pelo endereço eletrônico http://www.fcc.org.br/mulher/series_historicas/mmt.html

⁴ A pesquisa completa, feita pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), que tem como título “A trajetória da mulher na educação brasileira: 1996 – 2003”, pode ser acessada pelo seguinte endereço:

pedagogia são do sexo feminino. Dos alunos matriculados nos cursos de engenharias mecânica, elétrica e computação, respectivamente, 91,5%, 89% e 80% são do sexo masculino.

Isso significa que, de um modo geral, permanece a tendência à divisão de tarefas sociais: as mulheres, em sua maioria, são preparadas para atuar na saúde e, principalmente, na educação, ao passo que os homens ocupam majoritariamente as áreas relacionadas a setores públicos e de infra-estrutura. O discurso machista de que cada gênero deve ocupar o seu respectivo lugar parece ainda ecoar em nossa sociedade. Realmente, Vieira (2005), em um artigo em que discute a construção social da identidade feminina, observa que:

(...) Ao dirigir um automóvel, por exemplo, as mulheres estão sujeitas a críticas frequentes e, embora as estatísticas comprovem que as mulheres provoquem e sofram menos acidentes do que os homens, eles as diminuem constantemente nessa atividade. Basta um deslize para a mulher ser chamada de *barbeira* e ouvir assertivas como: "*Só podia ser mulher na direção*". No campo profissional, se a mulher, depois de muito esforço pessoal, for promovida, a primeira coisa que dizem é: "*Como será que ela conseguiu esta promoção? O que será que ela fez para obtê-la?*" Mas, quando um homem é promovido, o discurso muda completamente: "*Como ele é competente*" ou "*Esse cara vai longe, ele promete*".

Embora, atualmente, a mulher execute tarefas antes consideradas exclusivamente masculinas – como dirigir um veículo ou trabalhar fora –, o discurso machista de que a mulher seria (bem) menos competente do que o homem aparece em lugares-comuns como os mencionados por Vieira, que parecem indicar uma vontade (machista) de redefinir qual é o espaço da mulher. Isso também fica evidente em clichês como “Lugar de mulher é pilotando o fogão” ou “Lugar de mulher é atrás do tanque”, muito usados em contextos como os referidos acima.

Como mostramos, em uma época em que a mulher vem conquistando cada vez mais espaço na sociedade, discursos que pregam a igualdade entre os gêneros convivem com discursos machistas. Essa contradição parece indicar que o homem, inconformado em perder seu *poder* sobre a mulher, materializa a sua “vingança” em enunciados como os que exemplificamos, o que reforça a tese de que o discurso “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder pelo qual nos queremos apoderar” (Foucault, 1970:10).

No que se refere às piadas de loira, elas também são um exemplo da materialização da “vingança” machista. A estereotipia de que elas seriam burras e/ou sexualmente

http://www.inep.gov.br/download/catalogo_dinamico/titulos_avulsos/2005/trajetoria_mulher_1.pdf

disponíveis não é casual. Esses dois estereótipos, que circulam nas piadas, parecem complementar-se: insinuam que as mulheres (representadas, nas piadas, pelas loiras) seriam intelectualmente (muito) inferiores aos homens e que elas só estariam conseguindo obter o sucesso que vêm alcançando porque são sexualmente disponíveis.

Outras justificativas para ratificar que o discurso dessas piadas é machista também podem ser citadas. Analisando uma expressiva quantidade de piadas de loira⁵, encontramos também o discurso de que a função primordial da mulher seria servir aos homens – de todas as formas, inclusive, sexualmente –, além de (re)afirmações de que cada gênero deve ocupar o seu lugar e, às mulheres, caberia o espaço doméstico, ou seja, que suas funções seriam (ou deveriam ser) aquelas relacionadas aos cuidados do lar⁶.

2. Os estereótipos nas piadas de loira

Como afirmamos na primeira parte deste trabalho, as piadas de loira são resultado de condições históricas de disputa. Não é à toa que a inteligência da loira e/ou sua sexualidade são os aspectos escolhidos para serem ridicularizados – e não outros (é interessante observar que as loiras não foram estereotipadas, por exemplo, como sendo más donas-de-casa ou como péssimas cozinheiras). Há um motivo para a veiculação de um determinado estereótipo, assim como a circulação de um discurso hostil visa a um propósito. Freud (1905) alertou para o fato de que, além de ter como objetivo suscitar o riso, chistes desse tipo – que, não por acaso, ele chamou de *tendenciosos* – podem servir à agressividade, à sátira ou à defesa.

Visando à agressividade, nas piadas de loira, o enunciador (os homens) traduz o discurso do Outro (das mulheres) negativamente. Nesse sentido, seria interessante retomar a explicação de Possenti (2002) acerca do funcionamento dos estereótipos nas piadas. Ele observa que o estereótipo funciona de modo semelhante ao simulacro (nos termos de Maingueneau, 1984): é um efeito necessário da relação interdiscursiva, especialmente no caso dessa relação ser polêmica. O estereótipo seria, portanto, algo social, imaginário e

⁵ As piadas que analisamos circulam pela Internet em *sites* de humor e em comunidades, criadas no *Orkut* (rede social virtual), especialmente para divulgar essas piadas.

⁶ Alguns exemplos, para ilustrar as nossas afirmações: “- *Por que Deus criou as loiras?/- ???/- Porque os cachorros não conseguem pegar uma cervejinha para você na geladeira.*” Uma variante dessa: “- *Por que Deus criou as loiras?/- ???/- Porque as ovelhas não sabem cozinhar.*” “- *O que você diz para a loira que fala 'Não!' para você?/- ???/- Ok, pegue outra cerveja.*”

construído e se caracterizaria por uma redução, ou seja, por uma imagem – geralmente negativa – supersimplificada ou convencional de uma pessoa ou grupo. Trata-se de “uma identidade que um grupo em princípio não assume, mas que lhe é atribuída de um outro lugar, eventualmente, pelo seu outro”, enfatiza o autor (ibidem, p.156).

Ainda de acordo com Possenti, as piadas operam com dois diferentes tipos de estereótipos: um *estereótipo básico* (que é assumido pelo grupo, uma espécie de traço de identidade) e um *estereótipo oposto* (o simulacro de que falamos). Sendo assim, nas piadas de loira a falta de inteligência e a disponibilidade sexual da mulher são frutos da redução feita pelos homens, são um simulacro da identidade assumida por elas: onde o discurso da mulher diz que ela é inteligente, o discurso machista diz que ela é burra. Analogamente, onde o discurso da mulher diz que ela é livre, o discurso machista – que não quer que as mulheres sejam livres – diz que a mulher tornou-se “liberal demais”, ou seja, “fácil”.

Realmente, como sabemos, os discursos não surgem “do nada”: há uma situação preexistente, que regula as leis de seu aparecimento; em outras palavras, há uma memória discursiva, um interdiscurso. O discurso machista é, pois, um trabalho sobre o discurso da mulher: trabalho esse que, como se dá numa relação polêmica, relaciona-se com seu Outro de forma oposta, ou seja, os objetivos do homem e os da mulher estão em uma relação de oposição. No caso das piadas de loira, essa oposição fica bastante nítida, como vimos, na relação entre estereótipo básico/estereótipo oposto proposta por Possenti.

No entanto, a caracterização da mulher com base em sua suposta pouca inteligência e/ou em sua sexualidade supostamente exacerbada não é um discurso exclusivo das piadas de loira. Com efeito, Priori (1993), em uma interessante discussão sobre a sexualidade feminina nos tempos do Brasil Colônia (1500-1822), lembra que o discurso médico descrevia a mulher como um ser frágil, que teria como uma de suas características *naturais* a minoridade intelectual. No que se refere à questão sexual, a autora destaca que se acreditava que as mulheres teriam, também naturalmente, uma tendência à insaciabilidade:

(...) Seu sexo assemelhava-se a uma voragem, um rodamoinho a sugar desejos e fraquezas masculinos. Unindo, portanto, o horrendo e o fascinante, a atitude ameaçadora da mulher obrigava o homem a adestrá-la. Seria impossível conviver impunemente com tanto perigo, com tal demônio em forma de gente. (PRIORI, 1993:35)

Acreditava-se, pois, que era preciso *controlar* a sexualidade feminina. O *adestramento* da mulher seria necessariamente feito pelo homem: inicialmente, pelo pai;

depois, pelo marido. O controle da sexualidade feminina deveria, assim, estar sempre nas mãos do sexo oposto.

Nas piadas de loira, portanto, ao procurar contestar a identidade da mulher, a ideologia machista parece retomar discursos semelhantes aos que vimos acima. Uma vez que o homem perde seu poder sobre a mulher, esta passaria a agir de forma completamente descontrolada (como “um rodamoinho a sugar desejos e fraquezas masculinos”...), principalmente no que se refere ao campo sexual:

- Por que os caixões das loiras têm forma de “y”?

- ???

- Porque, sempre que elas se deitam, suas pernas se abrem.

Freqüentemente, as piadas de loira retomam o discurso de que a insaciabilidade sexual seria *natural* na mulher. Na piada acima, o advérbio “sempre” é revelador: sempre que se deitam, as pernas da loira se abrem. Esse gesto, o “abrir de pernas” – que representa, metonimicamente, o ato sexual – seria automático e, no exagero da piada, permaneceria sendo assim, mesmo depois que a loira estivesse morta.

Logo, nas piadas, a insaciabilidade sexual aparece como um “defeito” *natural* das mulheres. Tão natural que fazer sexo, para elas, chegaria a ser algo automático, mecânico. Nesse sentido, seria muito oportuno retomar algumas das leis que Bergson (1899) formulou para explicar o cômico, mais precisamente, a primeira e a terceira leis. Vejamos:

1ª. lei: “Quando um determinado efeito cômico deriva duma certa causa, o efeito parece-nos tanto mais cômico quanto **mais natural** considerarmos a causa” (Bergson, 1899:23, grifo nosso).

3ª. lei: “As atitudes, gestos e movimentos do corpo humano são risíveis na medida exata em que esse corpo nos faz pensar numa **simples mecânica**” (Bergson, 1899:33, grifo nosso).

O suposto “defeito” que as mulheres teriam é risível porque, de acordo com o filósofo, é apresentado como natural e mecânico. Desse modo, o papel do riso seria o de reprimir o comportamento feminino, de corrigi-lo. Exatamente como quer o discurso machista. Contudo, torna-se necessário fazer, aqui, uma ressalva. Nem sempre, quem conta uma piada de loira terá esse propósito. Contar uma piada machista não implica, precisamente, um enunciador machista (no máximo, em alguém com um senso de humor de mau gosto, talvez, até maldoso). Mas, o que esse enunciador geralmente não sabe é que,

por trás de sua enunciação, há uma história – séria –, atravessada por uma ideologia machista.

3. O funcionamento do discurso humorístico

Se, como afirmamos, o discurso das piadas de loira é machista, por que, então, não foi direcionado diretamente contra *todas* as mulheres, em outras palavras, por que usa a loira como “bode expiatório”? Acreditamos que “fingir” que apenas as loiras são “atacadas” auxilie a circulação das piadas, já que esse artifício parece “camuflar” o discurso machista.

Com efeito, o imaginário que as pessoas geralmente têm a respeito das condições de produção das piadas de loira é o de que elas teriam sido feitas pelas morenas. Inclusive, Possenti (2002), em um artigo em que discute a questão do estereótipo e da identidade nas piadas de gaúcho e de loira, afirma que, durante algum tempo, também imaginou que as piadas de loira tratavam-se de uma espécie de “vingança” das morenas contra as loiras. Conforme o autor observa, tanto no imaginário masculino quanto no feminino, ser loira seria uma vantagem, pois elas seriam mais bonitas, mais atraentes do que as outras mulheres – o que daria margem para que se pensasse nessa hipótese para explicar as condições de produção dessas piadas.

De fato, os textos humorísticos utilizam certas estratégias na veiculação de seus discursos. Raskin (1985) definiu as seguintes condições como necessárias, do ponto de vista lingüístico, para que se tenha um chiste:

- (i) A switch from the *bona-fide* mode of communication to the non-*bona-fide* mode of joke telling;
- (ii) The text of an intended joke;
- (iii) Two (partially) overlapping scripts compatible with the text;
- (iv) An oppositeness relation between the two scripts;
- (v) A trigger, obvious or implied, realizing the oppositeness relation. (RASKIN, 1985:140).

De acordo com o autor, as piadas utilizam um “gatilho” (um item lexical chave) para passar de um script a outro (scripts esses que, necessariamente, têm de ser opostos entre si). Frequentemente, o gatilho é uma palavra de duplo sentido. Essa técnica faz com que os discursos proibidos não fiquem tão explícitos e possam, assim, circular, livres de

certas interdições⁷. Não é, pois, por acaso, que juntamente com o duplo sentido, a técnica que mais encontramos nas piadas de loira é o pressuposto. De acordo com Ducrot (1987), o conceito de pressuposto implica idéias não expressas de maneira explícita e que são conseqüências do sentido de certas palavras ou expressões⁸.

4. Considerações finais

Cada formação discursiva tem uma maneira própria de interpretar seu Outro.

(Dominique Maingueneau)

Como vimos, no caso das piadas de loira, são rememorados os estereótipos da burrice e o da disponibilidade sexual da mulher. Mas isso não significa, necessariamente, que esses discursos sejam coisas do passado. Se piadas como essas circulam é porque a sociedade ainda é de alguma forma machista. Dito de outro modo, é porque há condições de produção na formação social para que haja uma ideologia machista que se materialize em um discurso que contenha marcas características dessa ideologia.

Com efeito, nas piadas de loira, o enunciador (os homens) analisa a situação atual das mulheres a partir de um ponto de vista condizente com a formação discursiva em que se encontra, que é a de um sujeito inconformado com as conquistas que as mulheres vêm alcançando. Logo, não se trata de um discurso “invejoso” das mulheres não-loiras – como supõe o imaginário que, geralmente, se tem com relação a essas piadas. Longe de ser um discurso feminino, trata-se de um discurso machista.

⁷ Por exemplo, na piada “- *Qual é a diferença entre a loira e o caviar?/- ???/- O caviar é só rico que come.*”, “come” é o gatilho que faz com que se passe do script NÃO-SEXUAL (“comer”, no sentido de “consumir alimentos”, no caso, o caviar) para o script SEXUAL (“comer”, significando “ter relações sexuais”, no caso, com a loira).

⁸ Ilustremos com um exemplo: “- *Por que a loira só transa com anões?/- ???/- Porque, depois que ela ficou sabendo da AIDS, ela começou a reduzir os parceiros.*” Se a loira começou a reduzir os parceiros, está pressuposto que ela tinha muito mais parceiros do que agora (afinal, se ela começou a reduzi-los, se o número de parceiros diminuiu, é porque ele era anteriormente maior). Dessa forma, o estereótipo veiculado é o de que as mulheres são sexualmente disponíveis.

Referências bibliográficas

BERGSON, Henry. *O Riso – ensaio sobre o significado do cômico*. Lisboa: Guimarães Editores, 1993.

DUCROT, Oswald. *O Dizer e o Dito*. São Paulo: Editora Pontes, 1987.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

FREUD, Sigmund. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1977.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar Edições, 2005.

POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua: análise lingüística de piadas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

_____. “Estereótipos e identidade: o caso das piadas”. In: *Os limites do discurso*. Curitiba: Criar Edições, 2002.

PRIORI, Mary Del. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

RASKIN, Victor. *Semantic mechanisms of humor*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1985.

SKINNER, Quentin. *Hobbes e a teoria clássica do riso*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.

VIEIRA, Josênia Antunes. *A identidade da mulher na modernidade*. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502005000300012&script=sci_arttext&tlng=en. Acessado em 03/05/2007.